



*A Trombeta escutai dos Luzitanos  
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!*

O TROMBETEIRO.

## A TROMBETA LUZITANIA.

### O POST SCRIPTUM.

Em nosso passado N.º, tratando do parecer da Comissão, sobre o negocio relativo a S. M. a Rainha de Portugal, tocamos de passagem no *Post Scriptum*, que acompanhava aquelle parecer; e como não entendesse-mos tambem o nosso parecer sobre elle, vamos agora com mais algum vagar analysalo:

A Comissão, ou o Sr. B. C., argue em seu *post scriptum*, ao author da Indicação a favor de S. M., dizendo: que *se anticipara a fazer aquella indicação, não lhe consentindo seu animo esperar, como pedia a ordem, a occasião da discussão do dito parecer.* Isto he, que a Comissão queria o exclusivo de fallar primeiro, e que ninguem tivesse a ousadia de se oppôr á conducta do Governo sem fallar o oraculo da Comissão! se sobre aquelle objecto não tinha ainda havido indicação alguma no Congresso, como *pedia a ordem* que o Sr. Acurcio das Neves guardasse o licencio? mais abaixo diz: *As Cortes terão observado a moderação com que foi concebido aquelle parecer.*

Não ha duvida; depois de sancionar quanto o Governo praticou, tem a *moderação* de dizer que não compete ás Cortes. Em que sentido se entenderá esta *moderação*? Pelo que vemos, a Comissão julgou que fazia muito favor em não expender al-

gumas diatribes de bom lote, contra a Augusta Pessoa de que se tratava! continua: *assim como tambem observarão o descomedimento e ousadia, que se deprehende na indicação.* A que chamará a Comissão, *descomedimento e ousadia?* a expender a sua livre opinião, como Dep., e em reprehender o comportamento do Governo? Eis-aqui porque a Comissão não queria que ninguem fallasse primeiro; era para que ninguem tivesse a *ousadia* de pensar de outra maneira do que ella pensava, sob pena de lhe chamar *companheiros*.

Eis-aqui a bella *moderação!* como os que assignarão a indicação não consultarão o oraculo, não se lhes chama collegas, nem o *ram ram* de illustres, honrados membros &c. *companheiros!* viva a *moderação.* Mais abaixo; *Não se tratava de averiguar se a Rainha era ou não comprehendida na disposição da Lei.* Sim senhores; não he preciso que a Comissão o diga, porque disso estamos nós intimamente convencidos. Não se tratava não; o que se pertendia era expulsar S. M. pela barra fóra, a todo o custo, sem se entrar primeiro no conhecimento se a Lei abrangia ou não, a Pessoa da Rainha.

A constituição não falla em tal; e por isso se devia ventilar se S. M. era ou não obrigada a jurar. Porém isto, era o que não convinha a certa sucia, que se queria distinguir pelo desterro de huma Rainha; mas arrebentou-lhe a castanha, e chapou-lhe as



casca na cara. Continua: *Nesta insistência formal, quem deveria ceder? sabe quem, Sr. B. C.? a patifaria, e o anarquismo; estes he que deverião ter cedido, não agora, mas ha muito tempo, e não haveríamos tocado o estado de desgraça em que nos vemos!*

Continua: *se o Governo tivesse deixado de executar a Lei, teria desempenhado o nome e atribuições do Poder Executivo!* eis-aqui a nossa resposta: se o Governo se guiasse só pela Lei, não teria acontecido semelhante caso, nem a Nação estaria toda alvorotada, a ponto de se temer pela segurança publica.

Continua: *a Commissão sente ter de dizer que o Ministro da Marinha foi o unico que se apartou de seus collegas, para seguir a maioria do Conselho de Estado.* Tanto patenteou a sua honra e imparcialidade, fazendo parte separada desse perverso foco da intriga, que tanto se esforça em levar a Nação á sua ruina! vejão a que ponto chega a parcialidade da Commissão, que patentea hum grande sentimento por o Ministro da Marinha se não conformar com aquellas boas joias dos seus collegas!! Diz que não lhe pertencia o negocio, e censura hum votante, porque não votou conforme o que a Commissão desejava! ora isto custa a crer!

Continua: *he notavel haverem ostrez conselheiros de Estado, Dantas Pereira, Mello Freire, e Gomes d'Oliveira na 2.ª Sessão do Conselho, mettido em duvida se as mulheres, e muito menos a Rainha, estavam comprehendidas na Lei.* O que he notavel, he a Commissão dizer isto: Se ella diz que este negocio he das attribuições do Executivo, como se mette a censurar a dissidencia dos votos? tanto a Commissão se mostra parcial contra S. M., que nem quer que tivesse hum só voto a seu favor! a Commissão obrava melhor se avocasse o negocio a si, e condemnasse S. M., mesmo sem o dar a saber ao Congresso; se lhe fora possivel, de boa vontade acreditamos, que assim o faria. Onde achou a Commissão a Lei que positivamente obrigue as mulheres a jurar? aponte-a: cite o paragrafo, e confunda, não só os trez votantes, mas a Nação toda, que não sabe de tal Lei. He provavel que a Commissão queira ter a modestia de a não citar, para não confundir tanta gente. Continua: *he desta fórma que nos tempos da arbitrariedade se torcião, e estiravão as Leis, com interpretações forçadas, segundo as paixões, e os caprichos.*

Agora sim, he que a Commissão acertou no vinte, porque esses tempos já desaparecerão! Hoje he lei, e mais lei! a experiencia que o diga, na pessoa do *intruso* Miranda, que foi com toda a legalidade para o Ministerio! e o Congresso approvou, ou pelo menos tolera essa legalidade Carvallina. Com que S. M. a quem não ha lei alguma que obrigue a jurar, deve sahir do Reino; e Miranda que está ali atropelando escandalosamente hum artigo da Constituição, não deve sahir do Ministerio!!! Ora eis-aqui a que se chama justiça, e execução da Lei! mas já se sabe a Tripulina.

Continua: *Como pois ouza o auctor da indicação, accusar de precipitação o Ministerio porque findando o prazo da Lei a 3 de Dezembro, já em 22 de Novembro andava com intimações á Rainha, e já em 27 fazia apromptar a fragata que a devia conduzir, a fim (diz elle) de a deportarem precisamente no dia 4?* Bravo! agora he que lhe acentarão bem a espada! pois o Senhor Accursio das Neves, tem a ousadia de se oppôr, e accusar ao Ministerio, por elle querer sentenciar, e desterrar S. M. tão rapida, e occultamente, que só a Nação o soubesse quando Ella estivesse pela barra fóra? Em nome de Deos, Senhor Accursio, que ouzadia!!! nem a do Inglez, que espetou a vella acceza no meio do paiol da polvora!!! Ora na verdade custa a crer, que a Commissão patrocinasse a bandeiras soltas, huma das mais potentes velhacadas, que o Ministerio tem praticado! Aqui foi que o Ministerio se deu a conhecer de todo; porque suas exacerandadas intenções, erão de desterrar repentinamente de noite (como nós sabemos com evidencia) a S. M., para não encontrarem opposição alguma no Povo! Mas a Nação está aierta, meus amigos já se não illude assim....

Continua: *E que dirá do Rei quem assim trata os Ministros? Diz "que elle fóra por estes arrastrado a huma fogosa determinação, tão repugnante aos sentimentos de Seu coração, com a qual precipitárão a Nação, &c.* Ninguem podia dar huma resposta mais cathgorica. A pillula que á força nos querem fazer engulir, da espontaneidade do Rei, he tão volumosa, que nós apostamos em como huma baléa, por mais que escarranche a boca, não he capaz de a engulir! Isto nem merece analyse, porque todo o Mundo sabe, que o Rei não póde fazer nada, sem que o Conselho de Estado,



e dos Ministros assentem nisso: vamos adiante.

Continua: *Em verdade, parece que sómente para os paizes estrangeiros se escreverão expressões, que dentro do reino não podem ser cridas. Olé! dai-lhe que ainda bole. Quem haverá tão magano, e tão crendeiro; que diga, que isso he mais velho do que a China? . . . . . vamos andando.*

Continua: *Inculca-se a Rainha como reclusa no Ramalhão, e privada da Sua liberdade; á sua sahida do reino dá-se o nome de deportação. Ora a Comissão tem cousas! Quem haverá tão malevolo que diga, ou acredite huma peca dessas? S. M. está em toda a amplitude de Sua liberdade; se foi para o Ramalhão, foi para se divertir, tomar os ares da risonha Primavera, ouvir o canto dos rouxinoes, &c. vem a Lisboa, a Queluz, a Belem, quando quer; se lá não tem Seus caros filhos, he porque Ella mesma não quer, para lhe não causarem incommodo. E chamarem deportação á viagem de S. M.?! Ah! magandões Portuguezes, como daes diferente sentido ás palavras! deportação, ou desterro, diz-se daquelle que vai por sua livre, e espontanea vontade, com passaportes &c. fazer huma viagem; agora aquelles, que o nosso humanissimo, e dulcissimo governo Constitucional manda pôr fóra da Patria, depois de muito insulto, e vituperio &c. &c. applica-se o termo tecnico = *removidos*, ou *remoção*. (Vide dictionario da Mayada por Silva Carvalho.)*

Continua: *Onde está pois aqui a privação da liberdade? onde a deportação? onde as dolorosas impressões da Nação, por vêr gritar a humanidade? E a Comissão a dar-lhe! Todos sabem perfeitamente que S. M. está em plena liberdade, que quer por muito sua livre vontade, hir viajar; que a Nação toda está saltando de contente com isso &c. deixe fallar o Senhor Accursio das Neves*

Continua: *Parece por tanto á Comissão; que a indicação deve ser rejeitada, como cheia de asserções falças, e calumniosas, de principios erroneos, subversivos, e anti-constitucionaes, e tendente a semean a zizania nos povos, e a romper a união, que felizmente subsiste entre o poder Legislativo, e Executivo. S. Jeronymo! Santa Barbara! Que formidavel conclusão de hum tão formidavel exordio!!!! Tanto não chuehãrão os horroresos conspiradores da Rua Formosa! e o indicador*

ainda está vivo depois de hum tempora destes!!!! Com effeito, se nos apresentarem hum desfeito tão energico como este, quebramos a trombeta, e servimo-nos de huma sanfona. Mas para o rivalisarmos, vamos compôr já hum alfarrabio intitulado: = Machiavel mettido em hum chinelo, ou Politica constitucional Luzitana do Seculo 19, = para servir de guia á historia das idéas liberaes, em todos os tempos.

~~~~~  
*Quem o vio, e quem o vê.*

Quando se recorda o prazer, e entusiasmo a que toda a Nação Portugueza se entregou quando ouviu proclamar o Systema Constitucional, a boa fé, e uniformidade de sentimentos, a sincera adhesão dos Povos; as honras, e applausos com que os Regeneradores forão acolhidos na Capital; os felices auspícios com que as Cortes Constituintes se instalárão; quando tudo isto vem occupar a nossa lembrança, e meditamos no presente estado em que nos achamos vendo a tristeza impressa em todos os semblantes, e a consternação por todos os corações, nasce naturalmente o desejo de perguntar: Como mudárão os homens de opinião no curto espaço de anno e meio? Como se pôde tão velozmente fazer a peor, da melhor das obras?

A esta pergunta, responderá hum dia o imparcial historiador: "Portugal pela auzencia do seu Rei para o Brazil, e pelos assoladores effeitos da guerra, em poucos annos se achou reduzido a hum máo estado. Alguns homens, levados, ou de hum verdadeiro amor da Patria, ou de hum impulso estranho, o tirárão daquelle espinhoso passo, proclamando hum Governo Constitucional, adaptado ao genio da Nação, e conforme a seus antigos uzos. Tudo accedeu, e aprovou com gosto esta proposição.

Porém depressa o fatal espirito de facção principiou a desunir os Portuguezes, e a instigalos, a dividir-se em partidos. Huma certa classe de homens filhos das trevas, quizerão apropriar-se o direito de guiarem elles sós os publicos negócios, e julgando só dignos dos cargos do Estado, aquelles de sua communhão. Desde que se julgarão seguros em seus postos, o verdadeiro interesse dos povos foi esquecido, a vontade geral despresada, e a opinião atacada de frente. Esta mesma classe, para ter sem-



pre hum especioso pretexto de levar avante suas tenções, dividio os Portuguezes em dois partidos, que denominou: dos *Liberaes* e dos *Corcundas*. Persuadida que já nada podia arrostala, e dever curvar a seus pés todos os colos, não guardou mais contemplanções, nem decóro. Atacou a sociedade a descoberto, tanto no geral como no particular, e fez vomitar das imprensas huma torrente de injurias, que tudo arrastava na sua corrente. A sociedade já não era a mesma, porque a facção dominante a havia dividido, e transtornado.

Então os Portuguezes, de quem a facção ousava a todo o custo fazer hum povo de filosofos, mas filosofos escravos, e ignorantes, principiárão a encarar espantados a posição em que se pertendia estabeleclos, e de que já poucos passos se achavão distantes. Desconfiados e temerosos, conhecerão por baixo da doirada nuvem que os havia illudido, todos os signaes do raio, que se preparava a abraza-los; e desanimados pela iminencia do perigo, ficarão como interdictos na presença d'elle.

Foi então, que os seus sacrificadores principiárão tambem a conhecer o seu erro; porém em vez de procurarem remedialo, conformando-se á vontade publica, e ao imperio das circunstancias, bem pelo contrario, bramindo desesperação, vendo a sua preza prompta a fugir-lhes, desenvolverão mais seus fataes designios, e pozerão em acção os violentos recursos, de que só he dado aos despotas servir-se.

A caba-la, as injurias, as perseguições, e os ameaços tudo se arrojou ao mesmo tempo sobre aquelles mesmos, que pouco tempo antes lhes havião preparado o seu triumpho! mas que se fizeram assaz criminozos por haverem reconhecido o abyssmo, a que seus sacrificadores os guiavão!

A esperança da melhora já então se achava morta no fundo dos corações. Os homens estão sujeitos a mudar, por hum natural impulso, todas as vezes que se lhes antolha hum melhor bem, apoz do qual sempre correm; e tambem nada duvidão em retrogradar, quando este bem lhes fica atraz. Os Portuguezes não encontrando naquelle estado os bens reaes que desejavão; antes bem ao contrario, vendo perdidos de todo esses miseros restos da pu-

blica prosperidade, rebelados, e dissidentes seus vastos dominios da America, o seu Commercio arruinado, sem Marinha, e sem Thesouro, se indignarão contra aquelles, que tendo por unico alvo de sua conducta os seus particulares interesses, se mascararão com os pomposos titulos de Regeneradores, Patriotas, e Filantropos; cujos titulos forão acreditados, em quanto homens, verdadeiramente amigos da sua patria, mettidos no silencio, e perseguidos, forão calumniados á face da Nação toda, como inimigos do Povo. Cançados em fim . . . .,

O historiador continuará com verdade este paragrafo, cujo desfexo omitimos, para não passarmos por profeta. O tempo o mostrará, e nós o veremos.

## DIALOGO DOS DOUS AMIGOS.

(Zé, e Gonçalves.)

ZE. Ah! meu caro Gonçalves, Deos te traga em boa hora. Se souberas o furor, a desesperação em que estou contra estes malditos periodicos! . . .

GONS. E eu! malditos elles sejam! Pois tu não vês essa maldita trombeta do diabo, emburrada comigo? estou vendo quando me entra a cascar com testemunha falsa, *et reliqua!* Olha que demos com boa gente.

ZE. Deixa-os gritar quanto quizerem; como tu estás de dentro, pouco importa que te descubram as mataduras; aqui o grande cazo he governar, e tirar vantagens, seja como fôr. Tu não vez como eu faço? chamão-me tudo quanto ha, (e quanto sou, aqui para nós que ninguem nos ouve) ladrão, despota, prevaricador, tyranno, e até patusco; e eu moita. Não que eu quero ter todo o mundo por meu.

GONS. Homem, Zé, eu não me conformo de todo com esse systema.

ZE. Bem mostras que estás novato no officio, e que não tivestes a minha escola. Olha Gonçalves, quando hum homem da nossa classe se propõem a fazer fortuna, estanhou logo a cara, e só huma tranca, ou hum chicote o pode fazer recuar.

(Continuar-se-ha.)